

O reencontro da Grande Nação

O txukarramãe Kaka Werá conta em livro a história dos índios no Brasil e prepara centro de valorização das tradições indígenas

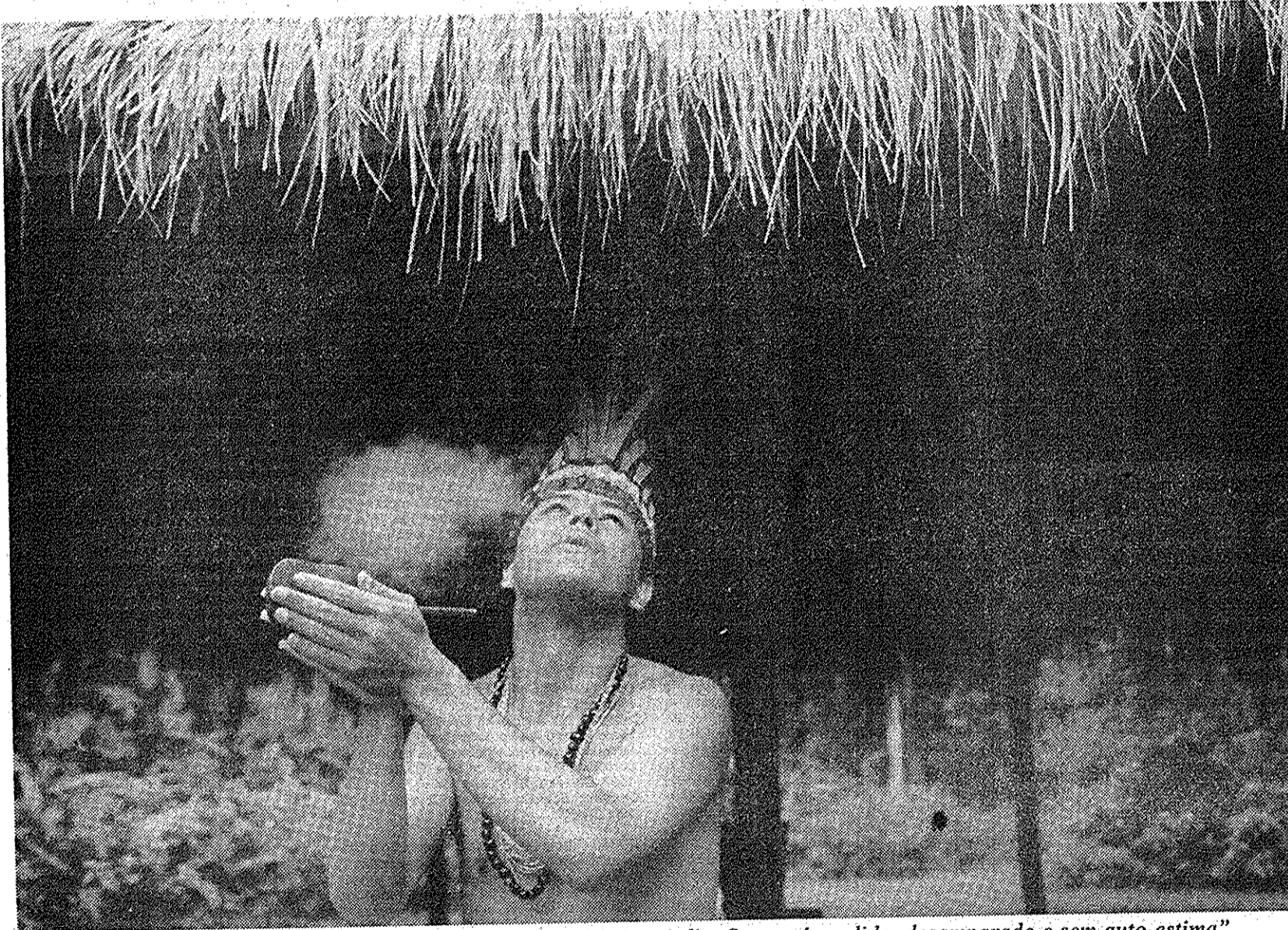
EDUARDO GRAÇA

Uma antiga profecia tupi-guarani diz que quando os três clãs – o da serpente (sul), o do gavião real (centro) e o da águia (norte) – se reencontrarem, a Grande Nação será reunificada. Chegará então o tempo do Arapoty, da Primavera Renascida, da força da Grande Alma Indígena. No próximo ano, quando a maior parte do país estiver fazendo a contagem regressiva para comemorar os 500 anos do descobrimento do Brasil pelos portugueses, líderes indígenas das três Américas se encontrarão no sul da Bahia para a celebração do Arapoty e a fundação da Aldeia do Saber Sagrado, um centro permanente de valorização das tradições culturais indígenas.

Uma prévia do encontro acontece hoje, a partir das 19h30, na Gávea. O Solar Grandjian de Montigny, da PUC, se transforma em uma grande taba para o lançamento de *A terra dos mil povos – história indígena do Brasil contada por um índio*, do txukarramãe Kaka Werá Jecupé, editado pela Fundação Peirópolis. O livro é a primeira iniciativa do ambicioso Projeto Arapoty, idealizado pelo Instituto Nova Tribo – ONG comandada por Kaka – que pretende recuperar a essência dos muitos povos que já viviam no continente antes das grandes navegações.

A terra dos mil povos conta como os índios viviam no país antes de Cabral e detalha o relacionamento nada amistoso com os colonizadores, enfatizando a busca pela liberdade como uma característica dos índios herdada pelos brasileiros. Longe de qualquer ambição antropológica, o livro reúne um punhado de narrativas míticas antes dispersas nas conversas noturnas dos anciãos à beira das fogueiras. Parte da renda obtida pela venda do livro será transferida para o Arapoty.

No ano que vem, Kaka, com a fala mansa que confunde o ouvinte mais acostumado aos exageros de outros líderes indígenas, promove a criação da Aldeia do Saber Sagrado, que surge assim como um campus universitário de pernas para o ar. Trata-se mais de um espaço humano do que físico, que deve se localizar em algum ponto na região que vai de Eunápolis a Cabralia, em Porto Seguro, terra dos pataxós, onde os portugueses aportaram pela primeira vez. O prédio será erguido de acordo com as técnicas arquitetônicas dos índios kamayurás e yawalapitys e brasilei-



Kaka Werá: "Para se conhecer, o brasileiro precisa redescobrir o índio. Que está perdido, desamparado e sem auto-estima"

ros de todas as cores poderão tomar contato com os rituais indígenas. "Para se conhecer, o brasileiro precisa redescobrir o índio. Que está perdido, desamparado e sem auto-estima", denuncia Kaka.

De acordo com o tahí, não é só o Instituto Nova Tribo que se preocupa com a afirmação das tradições indígenas. "Hoje, no Brasil, existem muitas lideranças indígenas preocupadas em fazer esta ponte entre nossas culturas. Mas, infelizmente, a mídia focaliza exatamente as que têm, destacados, os aspectos mais folclóricos e dramáticos da raça", aponta.

Depois da instalação da aldeia, Kaka pretende realizar o encontro de lideranças indígenas de toda a América. "Discutiremos estratégias para o resgate de nossas tradições e escreveremos a Carta do Caminho, uma paródia à famosa carta de Caminha, apresentando a todos os brasileiros nossos sonhos e desejos", diz. A carta também será entregue, em Nova Ior-

que, a representantes da ONU.

O Arapoty, no entanto, passa longe de qualquer sectarismo. Kaka costuma dizer que o espírito do brasileiro, seja branco ou negro, é índio, no que ele tem de melhor. "O Arapoty é destinado a todos os brasileiros, que têm sempre o índio dentro de si, ainda que adormecido", diz. O recado tem destino certo quando se pensa na busca frenética do homem branco, nas últimas décadas, por crenças obtusas, rituais mágicos e seitas exóticas.

Kaka é um pahí – contador da memória da tribo – que não se surpreende mais com a frequência com que os homens brancos buscam o sítio de sua ONG em Itapeirica da Serra, no interior paulista. Todos à procura de um norte para suas vidas. "Ali tratamos do encontro com a alma. A sociedade vigente não privilegia mais o coração. Então, as pessoas sentem a necessidade do espírito. E nós pensamos na terra como a cons-

ciência do brasileiro. É através dela que o homem pode se comunicar com seu espírito", diz. A batalha do índio txukarramãe é exatamente esta: mostrar a uma sociedade acostumada a valorizar a posse que é preciso recuperar sua filosofia de vida.

Entre os próprios índios, Kaka têm percebido uma mudança em relação à luta pela terra. Mais do que a criação de áreas demarcadas, sabe-se hoje que é na manutenção dos traços culturais que se garante a permanência da identidade de seu povo. "A Funai trata os índios a partir de um sistema de tutela. E o mais equivocado é que sua atividade não é voltada para a questão cultural e sim para a manutenção ideológica dos respectivos governos que vão passando", diz. Para Kaka, foram as organizações não-governamentais, com sua preocupação ecológica, que abordaram novamente com destaque a necessidade de se preservar a cultura indígena.

Quando se fala em povo indígena,

é preciso pensar em 206 nações diferentes, com línguas próprias, que sobreviveram ao massacre colonizador. Somam hoje cerca de 340 mil pessoas. No Brasil, nações são inimigas entre si e nem se lembram mais por que. Os carajás não gostam dos xavantes. Os caiapós e os bororos são tradicionais inimigos, também sem motivo aparente. "Agora queremos valorizar o que temos em comum: a profunda ligação com a terra, por um caminho diferente do da posse", diz o txukarramãe.

E o caminho encontrado para a unificação é o que passa pela sabedoria. A partir de 1992, Kaka começou a trabalhar pela reunião das tradições indígenas. Nos Estados Unidos e na Europa, ele descobriu que as lideranças indígenas já buscavam há algum tempo reunificar o espírito cultural do índio. No mundo todo, os anciãos das tribos vêm promovendo, na última década, reuniões para valorizar o que os diferentes ritos tribais têm em comum: o respeito à terra.

A batalha do guerreiro sem armas

"Depois de 500 anos você chega a uma aldeia indígena e descobre que seu parente quer um comprimido para a dor de cabeça. Percebe então que ele não se lembra sequer dos mais simples ritos de cura". O lamento, do pahí Kaka Werá Jecupé, vem de alguém que nunca precisou de analgésicos químicos. Paulistano, 34 anos, Kaka é filho de txukarramães, um povo nômade que estendia suas oças na beira dos rios de todo o país. A maior parte deles se encontra hoje na região do Xingu. Seus pais emigraram, nos anos 60, da região do Araguaia para o Vale do São Francisco. Estabeleceram em Montes Claros o primeiro contato direto com os brancos. Acabaram expulsos e fugiram para São Paulo. "Eles se juntaram então aos guaranis, que mantêm na Mata Atlântica a última aldeia indígena da região", conta Kaka.

Os pais morreram e Kaka foi amparado por uma família guarani. Iniciado em novos ritos, percebeu a necessidade de estabelecer uma linguagem única para os índios. Decidiu então estudar em uma escola pública de São Paulo e "descobrir como era a cabeça do homem branco". Não demoraria muito para que Kaka percebesse que os cerca de 400 guaranis eram bombardeados diariamente por historiadores, jornalistas, antropólogos e religiosos de todos os náipes. "Estávamos perdendo nossa identidade", diz. Surgiu o Instituto Nova Tribo.

A vivência da tradição indígena o levou para o caminho da fitoterapia, a cura através de plantas e remédios naturais. Kaka também utiliza, em parceria com psicólogos, das danças rituais indígenas como técnica terapêutica. Que ninguém pense em Kaka, no entanto, como um velho curandeiro. Nas muitas conferências que dá pelo país, ele enfatiza que não propõe qualquer volta ao passado. "Não queremos voltar aos tempos de antes da invasão européia", avisa. Sua trajetória é contada no livro *Todas as vezes que dissemos adeus*. O título não é mero acaso. "A história dos índios é sempre uma narrativa de dramas, mortes e despedidas", diz Kaka, que segue à risca a tradução possível de sua raça. Txukarramãe, afinal, significa algo como *guerreiro sem armas*.

Fabiano Accorsi/Folha Imagem